

# Casos assombrosos da Fazenda do Engenho de São Miguel <sup>1</sup>

José Antônio de Ávila Sacramento

As assombrações, pelo que dizem as pessoas que asseguram tê-las avistado, são coisas fantásticas e que causam muito terror. Podem ser “almas do outro mundo”, sustos causados por acontecimentos cujas causas são aparentemente inexplicáveis. Os mais incrédulos dizem que na maioria das vezes as assombrações são impressões ocasionadas pelas lentes de aumentos dos nossos medos, pela falta de investigação das causas dos fatos acontecidos. Estes casos, transmitidos pela tradição oral, são revelações sem possibilidades técnicas ou científicas de comprovação (“son coisas que non eczistem”, diria o padre Quevedo!)<sup>2</sup>. Tais acontecimentos, quase sempre, são experiências individuais (parece que as assombrações nunca aparecem para mais de uma pessoa ao mesmo tempo!).

Nas proximidades do arraial bandeirante de São Miguel do Cajuru existiu a antiga Fazenda do Engenho de São Miguel, a origem mais provável daquele distrito. José de Alencar Ávila Carvalho (1925-2000) disse que para construí-la “cortaram a base de uma elevação e naquela plataforma, estrategicamente, esconderam a casa atrás do morro e da estrada que vinha do Cajuru”. Alencar sabia muito bem que “os velhos tempos eram tempos de medo: andarilhos, bandidos, ciganos, gente da Justiça Civil ou Eclesiástica. Havia sempre a espingarda, a garrucha, o punhal de cabo de chifre bem trabalhado, a manguara, o cabo de relho, a foicinha, mas, às vezes, não adiantava nada”, principalmente quando havia a necessidade de se proteger de seres ou das latomias provenientes do “outro mundo”.

Diziam que aquela fazenda era assombrada... O fato de ali ter existido escravos pode ter facilitado a crença na aparição das assombrações. Minha avó materna (Ana Etelvina de Ávila, 1906-1989) contava que chegou a ver, um pouco abaixo da sede da Fazenda do Engenho, para os lados da várzea, as senzalas. Relatou-me que conheceu os vestígios de um tronco usado para castigar os negros. Ela disse que conheceu alguns descendentes de escravos que continuavam prestando seus serviços voluntariamente na Fazenda, após a Abolição: “a velha escrava Emiliana deixou saudades!”, dizia-me ela.

Meu pai, José Colombo de Ávila (1913-1990), disse-me ter ouvido contar o caso de um escravo alforriado, já muito velho, cujo nome ou apelido era Manqüeba. O negro tinha a fama de ser feiticeiro e por isso era um sujeito temido. Dizem que ele era um curandeiro muito feio e tinha lá os seus “poderes”; suspeitava-se que caso uma pessoa zombasse da feiúra dele, dias depois ela poderia ser encontrada morta, sem motivos aparentes. Quando Manqüeba faleceu, o enterro dele seguiu da Fazenda do Engenho rumo ao cemitério do Arraial, com o corpo conduzido num carro-de-boi. Em certa altura, nas proximidades d’uma cava (caminho antigo, erodido pelas tropas, carros-de-bois e enxurradas), o carro estava sendo puxado com bastante dificuldade, “cantava e saía muita fumaça dos seus eixos”, dando a impressão de estar muito pesado e de forçar demais a junta de bois. De repente houve um estrondo e os animais, como se tivessem sido aliviados, causaram um agudo solavanco no carro, que pareceu ter ficado muito mais leve.

---

<sup>1</sup> Este artigo foi publicado originalmente no Jornal de Minas (Edição 119 – Ano IX, S. João del-Rei, 11 a 28/01/2010, p.2, periódico editado por Neudon Bosco Barbosa).

<sup>2</sup> Oscar González Quevedo nasceu em Madrid no ano de 1930. Padre jesuíta, vive no Brasil. É professor de parapsicologia, escritor e defensor das bases científicas para os fenômenos paranormais, rejeitando hipóteses de intervenção do além nas coisas terrenas.

Foram olhar o que aconteceu e, para espanto, o corpo do Manquêba já não estava mais dentro do tosco caixão. Então, ao mesmo tempo, ouvia-se o toque contínuo e estridente dos sinos da Igreja, lá no Cajuru; quem estava no arraial espantava-se com o fato de que eles começaram a tocar repentinamente, sozinhos, e dobravam com tanta velocidade e força que “até fumaça saía deles”.

Atualmente, o escultor Osni Paiva faz seus levantamentos sobre a morte de um escravo chamado Damião, da nação Kassange, que foi pego furtando fubá num moinho. Com a finalidade de entregá-lo ao vigário da Vila (que naquele momento era o seu responsável legal), certo Manuel Tomaz de Queiroz amarrou o famélico negro ao rabo de um cavalo e cruelmente o arrastou por aquelas tortuosas trilhas; o negro, não suportando a tamanha tortura, morreu num local denominado Samambaia, meio-caminho entre a Fazenda do Engenho e o Arraial do Cajuru, no dia 08 de setembro de 1857. No local da morte do Damião existia uma velha cruz, agora restaurada e identificada com a história dele, trabalho feito pelo santeiro são-joanense que retirou estas e outras informações de documentos que estão no arquivo da representação local do IPHAN.

Dizem que na Fazenda do Engenho as trancas de algumas portas saltavam de seus locais e caíam sozinhas ao chão, fazendo grande barulho nas tábuas do assoalho; no entanto, ao serem vistoriadas, era possível perceber que elas continuavam nos devidos lugares (seriam os “espíritos brincalhões”?!). Barulhos estranhos, de correntes sendo arrastadas, eram ouvidos. Luzes apareciam e sumiam misteriosamente. Estranhas fogueiras surgiam do nada e ardiam nos ranchos, fazendo com que as noites ficassem claras como o dia; na manhã seguinte, nem sinal de brasas ou de fogo aceso havia naqueles locais. Joaquim José de Ávila (o “Ti’Quincas”, um antigo chefe político do Cajuru, falecido em 1971) certa vez disse que viu uma dessas fogueiras acesas junto do esterco, dentro do rancho da Fazenda do Engenho. Cuidadoso, ele afastou bem o esterco seco (que é bom combustível) e foi dormir. No dia seguinte foi investigar: nenhum sinal (seriam os Fogos-fátuos ou seria o Boitatá?). Algumas pessoas também relataram a aparição de uma senhora, misteriosa, toda vestida de branco; durante as madrugadas ela ficava encostada no tear da fazenda como se estivesse “tomando conta dele”. Daqueles sombreados caminhos, das suas profundas cavas e das credices dos escravos podem ter surgido histórias de fantasmas, assombrações, superstições e visões fantasiosas de objetos movendo-se sozinhos, madeiras rangendo, almas penadas aparecendo e desaparecendo misteriosamente depois de pedir rezas.

O historiador Sebastião de Oliveira Cintra registrou que em 1717 o Conde de Assumar expediu ordem condenando o procedimento de Padre Manoel Cabral Camelo, então Vigário da Vara de São João del-Rei, por ter pronunciado censuras contra o ouvidor da Comarca, dr. Valério da Costa Gouvêia. O tal vigário insurgira contra o ato da prisão de um clérigo dominicano, expulso da religião por estar em seu poder uma jóia pertencente à imagem de Nossa Senhora da Conceição, dos padres da Companhia de Jesus do Rio de Janeiro. O padre Cabral Camelo, alegando conflito de jurisdição entre os poderes Eclesiástico e Civil, desafiou os dois poderes e, para não ser preso, entrincheirou-se na Fazenda do Engenho; ergueu paliçadas, barricadas e colocou muitos escravos armados dentro das matas e em outras posições estratégicas. O fato de o rixento padre ter montado ali a sua “fortaleza” à espera do “inimigo” povoou a imaginação popular e deve ter dado origem a histórias e, também, certamente, a muitas estórias.

Dizem que naquele local também aparecia, lá pelas horas mortas das madrugadas dos meses de julho, uma misteriosa galinha, acompanhada de uma fileira interminável de pintos que andavam em linha reta e atravessavam todos os obstáculos sem darem um pio sequer. Cavaleiros misteriosos varavam os tapumes e

as porteiras sem fazer barulhos. Cortejos fúnebres, vultos misteriosos, sempre vestidos de branco, apareciam naquelas imediações. Até o meu avô paterno, Miguel Arcanjo de Ávila, o “Sô Gué do Engenho”, um homem que tinha a fama de nunca mentir, foi vítima de uma aparição: numa noite de lua cheia ele estava regressando do arraial e chegou esbaforido na sede da fazenda, quase arrebatando a porta para entrar na casa; alegou ter deparado com uma espécie de “gigante” com as pernas abertas por sobre a profunda cava onde passava; uma das pernas apoiava-se num lado do barranco e a outra no outro; ele disse que tendo olhado para cima, dada a dimensão daquele gigantesco homem, não conseguiu nem mesmo enxergar a cabeça da assombração; assustado, restou-lhe apenas cutucar as suas esporas no alazão.

José de Alencar conheceu bem a Fazenda do Engenho de São Miguel: “era uma casa acachapada, de estranho teto elevado (como no Minho, em Portugal, para fazer escorrer a nevasca). Na frente, subia-se por uma escada para a saleta e dois quartos escuros ou sempre fechados. O assoalho ressoava nos altos alicerces e a memória também ressoava de gritos e ais! As janelas da frente, em número de cinco ou seis, não eram simétricas porque entre elas havia uma alcova. A casa era quadrada, com ampla sala de jantar, que escondia um velho tear. À esquerda havia o rancho de tirar leite; dele, uma porteira levava à casa de queijo, à cozinha, ao quintal ou ao moinho em cuja moega estava gravada a data de 1700 e poucos”.

O que eu sei é que a casa foi criminosamente demolida. A alegação principal para a demolição foi a de que ela era “muito mal-assombrada”; outro motivo foi o de que “a casa era fria, úmida, e até fazia mal às crianças” (fato que não procede, pois todos que lá nasceram e viveram sempre gozaram de perfeita saúde). Mais um motivo (este velado!) para a destruição foi a crença de que havia, enterrado sob o assoalho da sede, potes ou garrafas contendo ouro em pó; depois da demolição, cavaram e escavaram, mas não se teve notícias de que algum tesouro tenha sido encontrado.

Naquela fazenda viveram os ascendentes deste articulista. Os alicerces dela ainda podem ser visualizados no local, um pouco soterrados, semi-destruídos e tomados por densa vegetação. Ao lado dos grandiosos alicerces, com uma pequena parte dos restos da malfadada demolição, os herdeiros construíram uma outra casa menor e infinitamente mais acanhada do que a fazenda original.



Fachada da Fazenda do Engenho de São Miguel  
Reprodução de desenho de José de Alencar Ávila Carvalho